

PASCALE, Celine-Marie (Org.). *Social inequality & the politics of representation: a global landscape*. Washington, DC: Sage Publications, 368 páginas, 2013.

Resenhado por Anna Clara Viana de Oliveira¹

Social Inequality & The Politics of Representation traduz o esforço de Celine-Marie Pascale (American University, Washington DC) na apresentação de pesquisas e debates sociodiscursivos que se situam fora do eixo europeu-norte americano. Os cinco capítulos do livro oferecem ideias e ferramentas necessárias para entender a (re)produção de desigualdades sociais em 20 países de cinco continentes. As/os autoras/es dos 20 trabalhos apresentam pesquisas que investigam representações de desigualdades sociais em tempos e espaços particulares e situados, o que permite as/aos leitoras/es estabelecer conexões que superam fronteiras geopolíticas e de diversas categorias sociais, como classe, raça, sexualidade, gênero e nação. O foco do livro são discursos que privilegiam certos grupos de pessoas em detrimento de outros, que são marginalizados, o que problematiza privilégio e desigualdades. Tais produções discursivas ganham sentido e são legitimadas em várias culturas em todo o globo.

Estudos sobre *desigualdade* estão não somente no cerne dos estudos sociológicos, mas também de várias outras ciências sociais. Para delimitar no livro o que se configura como “desigualdade”, a organizadora da obra lança mão do conceito de “privilégio” – “sistema de estrutura e dinâmica social que organiza e distribui recursos entre linhas particulares” (Pascale, 2013: 16). O privilégio é assegurado quando a marginalidade e desapropriação são naturalizadas. Conseqüentemente, é necessário resolver o problema do privilégio para resolver o problema da própria desigualdade. As/os autoras/es em *Social Inequality & The Politics of Representation* desafiam o pensamento binário, superado, entre o simbólico e o material, entre o estrutural e o interacional, bem como entre o local e o global, o que, na visão de Pascale, ajuda-nos a perceber o sofrimento alheio e como participamos em suas formas de perpetuação. Cabe ressaltar a importância dada pela organizadora do material aos estudos linguísticos, especialmente na importância de investigar as relações entre as realidades discursiva e material, assim como de (re)pensar maneiras de interromper sistemas hegemônicos, tornando-os menos estáveis, sustentáveis e naturalizados.

A coleção de trabalhos parte da premissa de que tudo que conhecemos sobre o mundo social é assimilado por nós por meio da língua(gem), só ganhando significado, importância e relevância por meio de sistemas linguísticos/semióticos. O conhecimento é não somente construído pela linguagem, mas também legitimado e/ou marginalizado por meio dela, já que sempre carrega motivações conscientes e inconscientes, investimentos concorrentes, perspectivas políticas e interesses econômicos. Como prática significativa, a linguagem produz tanto conhecimento/poder quanto conseqüências tangíveis e materiais na sociedade. Um dos objetivos do livro é, nessa perspectiva, abordar formas de representação e compreensão de eventos, processos, pessoas, instituições e países. A língua(gem), portanto, é

¹ Mestra em Linguística pela Universidade de Brasília, na área de Linguagem e Sociedade. Atua como participante colaboradora em pesquisas balizadas pela Análise de Discurso Crítica (ADC), junto ao Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/CEAM)/UnB).

tratada como o ponto de articulação entre estruturas sociais e vida social, e os estudos sociológico-discursivos são uma ferramenta efetiva para fazer visíveis as maneiras como o poder opera em práticas da vida diária.

O livro contempla dez tipos de abordagens teórico-metodológicas de análise, a saber: Análise da Conversação, Análise de Conteúdo, Análise de Discurso, Análise de Discurso Crítica, Análise de Discurso Pós-Estruturalista, Estudos Culturais, Enquadramento Noticioso, Semiótica, Sociolinguística, além de estudos mistos que abrangem todas essas abordagens. Pascale divide o livro em cinco seções temáticas, com quatro artigos em cada. Os capítulos exploram, em essência, relações entre práticas de acumulação, desapropriação e poder político e também sua instauração e sustentação no mundo atual. Com estrutura organizacional fluida e coesa, o livro mantém relação de continuidade entre as partes, embora estas possam perfeitamente constituir unidades autônomas, já que sua hierarquização pode ser concebida a partir dos interesses das/os leitoras/es.

A primeira seção, *Classe*, é composta por quatro artigos. O primeiro deles é “*Class Invisibility and Stigmatization: Irish Media Coverage of a Public Housing Estate in Limerick*”. Martin Power, Eoin Devereux e Amanda Haynes utilizam a Análise de Conteúdo qualitativa para investigar como as habitações populares de Moyross, em Limerick (Irlanda), são representadas na cobertura midiática, utilizando como dados transcrição de entrevistas jornalísticas, assim como relatos de residentes e estudos acadêmicos. Os autores e a autora afirmam que, na luta de classes, a mídia é cúmplice da classe alta, o que produz a aparência de uma suposta ausência de classes e subsequente estigmatização dos pobres. Representando o Brasil, as professoras Viviane Resende e Viviane Ramalho, da Universidade de Brasília, discutem, no artigo “*Inequality and Representation: Critical Discourse Analysis of News Coverage About Homelessness*”, como o jornal Correio Braziliense naturaliza a presença da extrema pobreza na capital brasileira. Utilizando-se da Análise de Discurso Crítica, as autoras discutem como o jornalismo (re)produz e reifica a pobreza como uma característica inerente da sociedade, enquanto ignora a desigualdade social. Como a pobreza nem sempre pode ser medida por números, Roland Terborg e Laura García Landa, em “*Linguistic Discrimination, Poverty and the Otomí in Mexico*”, analisam como a estreiteza de foco sobre a desigualdade econômica ignora as várias formas profundas e significativas moldadas pelo “racismo linguístico” na vida econômica. Utilizando-se da Sociolinguística, a autora e o autor investigam as experiências de pessoas que falam Otomí, em San Cristobal Huichochitlán (México), e sua experiência no impacto de discursos coloniais que ameaçam suas línguas maternas e enfraquecem possibilidades de mudança de vida. Em “*Race Class Intersections as Interactional Resources in Post-Apartheid South Africa*”, Kevin Whitehead lança mão da Análise da Conversação para analisar *talk shows* de três diferentes estações de rádio na África do Sul pós-apartheid. O autor demonstra algumas das maneiras com as quais pessoas brancas perpetuam o sistema racial, evitando conversas explícitas sobre raça. Sua análise contribui para destacar continuidades e descontinuidades entre o período do apartheid e pós-apartheid, no que diz respeito ao conhecimento tácito sobre interseções de raça e classe na África do Sul.

A segunda seção do livro, *Raça*, inicia-se com o artigo de Nataša Bajić, intitulado “*The Representation of Ethnic-Cultural ‘Otherness’: The Roma Minority in Serbian Press*”, no qual a autora faz um importante levantamento crítico e histórico dos Roma (etnia cigana),

visto que, na Sérvia, o que a sociedade majoritária sabe sobre esse povo não é resultado de contato direto, mas sim de produtos e imagens midiáticas. Partindo de pressupostos teórico-metodológicos da ADC e da Análise de Discurso Pós-Estruturalista, a autora analisa como as representações contemporâneas em jornais sérvios constrói o *status* social de “outros” para a minoria Roma. Em “‘You Are Trying to Make It a Racial Issue!’: Race-Baiting And Social Categorization in Recent U.S. Immigration Debates”, Shiao-Yun investiga o assédio racial em entrevistas do conservador Lou Debbs – comentarista televisivo mais conhecido por seu desejo de “proteger as fronteiras americanas” – realizadas com duas autoridades políticas de origem latina, Luis Gutierrez e Steven Gallardo. Com base na Análise de Discurso Crítica, Chiang demonstra como a política do assédio racial trabalha numa sociedade em que tanto expressões de racismo quanto reivindicações racistas são publicamente criticadas. Hermant Shah, em “Global Media and Cultural Identities: The Case of Indians in Post-Amin Uganda”, analisa a crescente importância da mídia global em culturas e identidades de diáspora. Com o apoio dos Estudos Culturais, o autor explora os problemas supracitados entre homens jovens indianos vivendo em Uganda. Sugere Shah que indianos adotam identidades estratégicas e a mídia global pode contribuir ora para construção de um senso identitário comum, ora para a sensação de deslocamento desses indivíduos no país africano. A pesquisadora hongconguesa Jackie Jia Lou oferece um estudo crítico sobre o bairro conhecido como Chinatown (Washington D.C, EUA), no artigo intitulado “Representing and Reconstructing Chinatown: A Social Semiotic Analysis of Place Names in Urban Planning Policies of Washington, D.C.”. Com base na Semiótica, Lou examina a arquitetura e o planejamento político utilizados para manter no bairro o aspecto de comunidade chinesa, mesmo depois da mudança dessas/es moradoras/es. Trata-se de estudo relevante, sobretudo, por contribuir para o entendimento da nomeação/designação de espaços como uma forma de discurso político.

A terceira seção do livro, *Sexualidade*, traz um estudo de autoria de Hae Yeon Choo e Myra Marx Ferree, intitulado “Sexual Citizenship and Suffering Subjects: Media Discourse about Teenage Homosexuality in South Korea”. As autoras, utilizando-se da Análise de Conteúdo qualitativa, pesquisam jornais sul-coreanos para investigar as políticas de representação sobre o desejo sexual entre adolescentes do mesmo sexo. Choo e Ferree relacionam o discurso midiático da sexualidade a outros discursos, como, por exemplo, sobre cidadania, e ainda argumentam que a inclusão social de jovens gays e lésbicas na Coreia do Sul é parcial e contingente. Em “Hidden Sexualities: Behing the Veil and in the Swamps”, Sanya Osha busca desconstruir, a partir dos estudos pós-coloniais, regimes heterossexuais na Nigéria. Essa complexa análise demonstra como discursos coloniais e religiosos em diferentes locais do país africano contribuem para uma construção, em conjunto com linhas específicas de poder, da sexualidade que marginaliza e oprime mulheres nigerianas de formas diversas. Valentina Pagliai utiliza a Análise de Discurso Crítica para analisar dois proeminentes casos de pedidos de asilo político na Europa: de uma lésbica iraniana na Grã-Bretanha e de um gay albanês na Itália. A autora, em “The Bad and the Good (Queer) Immigrant in Italian Mass Media”, demonstra como a mídia pública e partidos políticos constroem e disseminam discursos sobre sexualidade e direitos humanos na tentativa de construir uma “falta de civilidade” nas sociedades de origem dos imigrantes, reforçando, assim, posições racistas.

“*The Surplus of Paradoxes: Queering Images of Sexuality and Economy*”, de Antke Engel, lança mão da Análise de Discurso Pós-Estruturalista para analisar como políticas culturais *queer* na Alemanha são causa-efeito de um discurso de tolerância e pluralismo, mas produzem novas hierarquias sociais. A análise sinaliza habilmente como a construção do pluralismo depende do imaginário e de práticas culturais que criem públicos distintos. Engel defende a criação do que denomina de “política *queer* dos paradoxos” para desestabilizar identidades.

Gênero, a penúltima seção do livro, inicia-se com artigo de autoria de Ricarda Drüeke, Susanne Kirchhoff e Elisabeth Klaus: “*Positioning the Veiled Woman: An Analysis of Austrian Press Photographs in the Context of the European Headscarf Debates*”. A abordagem dos Estudos Culturais serve como ferramenta para desconstruir discursos nacionalistas, veiculados na imprensa, de fotografias que retratam mulheres usando véu. As autoras argumentam que, para as/os austríacas/os, a prática de uso do véu desafia a convenção da vida pública/privada já que, no país, práticas religiosas antes confinadas à esfera particular, agora se tornam parte do espaço público. Em outro artigo, Kjerstin Andersson estuda a construção discursiva contemporânea sobre masculinidade, raça e violência. A partir da Análise de Conversação e da Etnometodologia, a autora problematiza o uso da violência por homens jovens, na Suécia, o que se espelha em construções a respeito da masculinidade. Em sua análise, parece impossível separar juventude e masculinidade de discursos nacionalistas e racistas. Em “*Language as a Means of ‘Civilizing’ the Kurdish Women in Turkey*”, Ebru Sungun estabelece ligações entre gênero, nacionalismo e genocídio na investigação dos esforços do governo turco, em meados da década de 1920, para erradicar a língua curda. Sungun recorre à Sociolinguística, bem como à Análise de Discurso Pós-estruturalista, para desvendar relações complexas de poder no governo turco, voltadas para a destruição da cultura curda. Parcialmente, essa erradicação ocorreu por meio de estratégias educacionais diferenciadas para garotas curdas. Na Malásia, um país que possui mais de 140 línguas e dialetos, *maknyah* (mulheres transexuais) têm desenvolvido sua própria linguagem como meio de resistência à discriminação intensa que sofrem sob a lei islâmica. Caesar DeAlwis, Maya Khemlani David e Francisco Perlas Dumanig tecem ideias respeitáveis sobre a vida diária das *maknyah* e se balizam na Sociolinguística para discutirem pressões sociais que afetam a referida classe social de mulheres transexuais.

A quinta e última seção do livro é denominada *Nação*. O primeiro artigo, assinado por Nadezhda Georgieva-Stankova, traz uma análise de blogues sobre novelas turcas na Bulgária. A autora discute e mostra, com base em dados empíricos, como um simples prazer de assistir novelas pode desestabilizar cenários culturais e políticos. Esses folhetins podem, simultaneamente, produzir discursos nostálgicos pelas antigas relações entre os dois países, assim como sentimentos xenófobos por seu relacionamento atual. Em seguida, Weizhun Mao em “*Tiny Netizens Mocking the Great Firewall: Discourse, Power and the Politics of Representation in China, 2005 to 2010*” utiliza a Análise de Discurso para investigar vários *sites* na *Internet*, incluindo salas de bate-papo, boletins de notícias, blogue, microblogues e outras redes sociais para destacar a luta *online* entre censores do governo e usuários da *internet* na China. Mao aponta como os usuários da internet, conhecidos como “*netizens*” (cibercidadãos, em tradução livre), empregam várias estratégias – incluindo a formação de uma nova linguagem que gera um senso de identidade e comunidade – para subverter a

censura. A segunda colaboração de pesquisadores/as da América Latina no livro discorre sobre a chamada “Guerra Suja Argentina” – expressão associada ao regime de ditadura militar argentina – ocorrida há 35 anos e caracterizada pela violência indiscriminada, perseguições, tortura, desaparecimento e morte de aproximadamente dez mil pessoas. Já Roberta Villalón vale-se do Enquadramento Noticioso de Goffman no artigo “*Framing Extreme Violence: The Collective Memory-Making of Argentina’s Dirty War*” para respaldar seu estudos baseado em dois relatos testemunhais desse período (um oficial e um não oficial), com o propósito de identificar esforços públicos que moldam a construção da memória coletiva. A referida pesquisadora sugere que a memória coletiva é uma luta política para o futuro. Margarita Astoyants, no último artigo do livro, intitulado “*The Changing Dynamics of Political Discourse About Orphans in Soviet and Post-Soviet Periods*”, estuda a construção discursiva do que significava ser um órfão em três períodos importantes da história russa: a Revolução de Outubro (1920-1926); a Grande Guerra Patriótica (1941-1945); e a Perestroika (2002-2005; 2008-2009). Com base na Análise de Discurso Pós-estruturalista, seleciona dados de jornais e programas de rádio do Arquivo Público da Região de Rostov, Astoyants mostra como o discurso público sobre significado e presença de órfãos pode moldar reações públicas.

Como coleção de pesquisas internacionais, a obra em tela abarca uma variedade de práticas e contextos orientados para a (des)construção de privilégios e desigualdades. Seus colaboradores, pautados em um paradigma universal, fogem da clássica dicotomia “periferia vs. centro”. Cada artigo traz contribuições relevantes, porque envolve análises minuciosas, baseadas em dados empíricos, que indiciam como desigualdades são construídas desde a mídia tradicional até os novos meios de comunicação. Os textos, além de claros e objetivos, encontram-se lavrados por especialistas críticos e conscientes, o que torna a coletânea recomendável a estudantes, bem como a docentes e pesquisadores/as, da grande área das ciências sociais e, de modo específico, para leitores/as que se dedicam aos estudos do discurso como prática social, voltados para o questionamento das desigualdades em um cenário global.

Recebido em: 11/02/2014

Aceito em: 30/04/2014

annaclara.viana@gmail.com